

Os personagens são pessoas que percorrem os atalhos da "montanha" e da "planície", em busca de explicações, de saídas para o viver, o amar e o morrer. Procuram romper as amarras da doença e da guerra, fugindo dessa sociedade decadente. Onde está a explicação? Em si mesmas ou nos outros e no próprio mundo que os rodeia? O âmago da busca é o encontro basilar, primordial do Homem com a Liberdade. Este é o compromisso do autor, presente em todas as suas palavras, em defesa do humanismo, hostilizado pela violência e pela opressão. Assiste-se, assim, ao embate de todas as propensões, dos conflitos filosóficos, políticos, sociais, morais, que estão presentes ao longo de todas as páginas do livro.

Depreende-se das palavras de Thomas Mann: o **tempo** que paira sobre a "planície" é de medo, de apreensão; o **espaço** da "montanha" é de salvação do Homem, diante do poder da morte: e o **lugar** é o sentido da procura da vida, da liberdade, do amor.

Ah, toda essa juventude, com suas mochilas e baionetas, com as capas e as botas enlameadas! Sonhando de modo humanístico – estético, poderíamos imaginá-la num quadro diferente. Poderíamos ter a seguinte visão: esses jovens montando e lavando cavalos numa enseada do mar, caminhando pela praia em companhia da namorada...

Em lugar disso, jazem ali com o nariz no barro bombardeando (MANN, p. 800).

## REFERÊNCIAS

- BENCNSON, A. S. (Ed.) **El control de las enfermedades transmissibles en el hombre**. Tuberculosis. Washington: OMS, 1987, 536, p.
- MANN, T. **A Montanha Mágica**: Rio: Nova Fronteira, 10ª edição, 1994, 801 p.
- SIMMEL, G. "Os Alpes", in SENÃO, A. V. (Coord.) **Filosofia da Paisagem**, Lisboa: Coleção NESHETICA, Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2011, 502 p.

*LÍVIA DE OLIVEIRA*

(Geografia, UNESP de Rio Claro, IGCE - Professora Emérita - Av. 1, 705 - apto. 43 - Edifício Tessália - Rio Claro-SP)

## O RURAL E O URBANO NA REGIÃO METROPOLITANA DO RECIFE

**GEOGRAFIA, Rio Claro, v. 41, n. 2, p. 400-402, mai./ago. 2016.**

ALBUQUERQUE, Mariana Zerbone Alves de; MACHADO, Maria Rita Ivo de Melo (Org.). O rural e o urbano na região metropolitana do Recife. Recife: Editora Universitária da UFRPE, 2015. 199p.

No Brasil o processo de metropolização ocorreu de modo distinto ao longo do território do país. Nem sempre as regiões metropolitanas foram delimitadas por conceitos como conurbação urbana e concentração populacional, já que ficou a cargo das unidades da federação estabelecê-las. Por isso, como demonstram vários estudos coordenados pelo Observatório das Metrôpoles (<http://www.observatoriodasmetrolopes.net/>), algumas regiões metropolitanas do Brasil não atenderiam a critérios acadêmicos, sendo definidas apenas por argumentos políticos.

Outro aspecto interessante quando se estuda as concentrações metropolitanas no país é a assimilação, nem sempre verdadeira, de tratar-se de uma área contínua e urbanizada, na qual o rural teria desaparecido. Até mesmo na Região Metropolitana de São Paulo, a maior em termos de área urbanizada, isso não ocorre, posto que existem vazios urbanos, áreas de proteção ambiental e atividade rural em meio ao tecido urbano. Ou seja, uma metrópole apresenta tanto características urbanas quanto rurais.

O livro "O rural e o urbano na região metropolitana do Recife", organizado pelas professoras Mariana Zerbone Alves de Albuquerque e Maria Rita Ivo de Melo Machado, procura elucidar essa questão, ao trazer textos que, de algum modo, indicam as condições como o rural e o urbano podem ser encontrados na Região Metropolitana de Recife (RMR). A RMR foi instituída pela Lei Complementar Federal nº 14 de 1973 e, atualmente, é composta por 13 municípios no entorno de Recife, capital do estado de Pernambuco.

A coletânea é fruto de uma seleção de artigos apresentados no 1º ciclo de debates promovido pelo grupo de pesquisa "Produção do espaço, metropolização e relação rural-urbano - GPRU", do Departamento de História da Universidade Federal de Pernambuco, traça um retrato do processo de transformação dos espaços rurais em decorrência da expansão das atividades urbanas e da infraestrutura nos municípios da RMR. Na obra encontram-se 13 artigos que estão divididos nas seguintes partes: 1) A relação rural-urbano na RMR; 2) Processos de metropolização; 3) A produção do espaço urbano recifense.

O primeiro artigo de autoria da professora Edvânia Torres de Aguiar Gomes, cujo título é "Rural e o urbano em um mundo do capital no qual cada vez mais a exceção é regra - alguns itens relevantes à luz da Região Metropolitana de Recife na contemporaneidade", inicia sua reflexão apontando a suposta supremacia do urbano sobre o rural, categorias espaciais que não podem ser classificadas por simples dados demográficos, pois a destinação da extensão territorial para atividades rurais ainda é predominante no Brasil. Partindo da perspectiva do materialismo histórico-dialético, a autora pontuou que os espaços urbanos e rurais são transformados conforme a centralidade e hierarquia dos interesses do capital, gerando compartimentações, regionalizações em distintas escalas, e agravando as assimetrias e desigualdades sociais e econômicas. A autora utilizou referências importantes das ciências humanas e justificou o caráter indissociável entre o rural e o urbano na dinâmica socioespacial da RMR. Apresenta um breve histórico até a instituição da região metropolitana e correlaciona a lógica que está metamorfoseando as paisagens urbanas e rurais da metrópole e de seu entorno, marcado pela monocultura. Ao final, discorre sobre os avanços e as fragilidades do planejamento da RMR e a atual expansão da fronteira urbana em detrimento das áreas rurais ou aquelas que deveriam ser destinadas à conservação ambiental.

O artigo "A paisagem na Região Metropolitana de Recife", escrito pelas organizadoras do livro, resulta de suas pesquisas a respeito das transformações socioespaciais na paisagem de RMR e a criação de novas centralidades, em decorrência de três polos de desenvolvimento - Complexo Portuário de Suape, ao sul; Polo Farmacoquímico e Automobilístico, ao norte, e a Cidade da Copa, a oeste. Estes polos são subsidiados por Políticas Públicas federais e estaduais e a atuação do setor privado. Esse processo de metropolização tem sido impulsionado pela instalação de grandes equipamentos de projetos estruturantes em áreas que, historicamente, eram destinadas a cana-de-açúcar, usinas e latifúndios, como a Zona da Mata.

No artigo "Suape: contradições e desafios", a professora Rita Alcântara Rodrigues destaca que o estado de Pernambuco ganhou visibilidade regional e nacional devido ao crescimento econômico gerado pelo Complexo Industrial Portuário de Suape (CIPS), sendo que até o período estudado, ocupa oito municípios localizados ao sul da RMR. No entanto, os municípios de Cabo de Santo Agostinho e Ipojuca estão enfrentando rápidas transformações econômicas, produtivas e demográficas, o que demandou do governo do estado um novo ordenamento territorial - o Plano de Território Estratégico de Suape. Com base em referenciais teóricos da abordagem institucionalista e com pesquisa de

campo, a autora buscou apresentar uma análise da relação entre a questão institucional e o planejamento da gestão do território nos municípios aludidos.

Os outros dez artigos foram escritos por professores, discentes de pós-graduação e graduação, e graduados das Ciências Humanas, cujos temas referem-se às mudanças nos espaços urbanos e rurais dos municípios de Recife, Camaragibe, Itapissuma e São Lourenço da Mata; os impactos de instalações de sistemas viários; e os grupos sociais excluídos.

A edição poderia apresentar mais produtos cartográficos e imagens que possibilitassem ao leitor a visualização das localidades e das problemáticas tratadas, em especial aos leitores de fora da RMR. Apesar disso, a obra passa a ser mais uma referência a respeito das transformações do urbano na RMC. Por meio dos artigos é possível encontrar mais argumentos acadêmicos que permitem afirmar que a delimitação de uma região metropolitana não pode ficar apenas baseada em razões de ordem política. Identificar as tramas socioespaciais no interior de uma região metropolitana pode esclarecer sua dinâmica interna, bem como sua inserção no sistema-mundo, típica característica de uma metrópole contemporânea que, como mostram os artigos, são encontrados em Recife.

***TATIANA DE SOUZA LEITE GARCIA***

(Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana da Universidade de São Paulo.  
E-mail: tatianagarcia@usp.br)

***WAGNER COSTA RIBEIRO***

(Professor Titular do Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana e do Programa de Pós-Graduação em Ciência Ambiental da Universidade de São Paulo e Pesquisador do CNPq. E-mail: wribeiro@usp.br)